

ANÁLISE DO DISCURSO DA CAMPOS FORMOSA E INTRÉPIDA

ANALASYS OF THE DISCOURSE OF CAMPOS BEAUTIFUL AND INTREPID

ANÁLISIS DEL DISCURSO DE CAMPOS HERMOSA E INTRÉPIDA

Anelize dos Santos Ribeiro¹

Resumo: Este artigo apresenta reflexões realizadas a partir da pesquisa “Formosa e intrépida: a análise do discurso da imprensa em 1916, 1966 e 2016 sobre a modernização de Campos dos Goytacazes e a formação de uma sociedade de influência”². Essa pesquisa teve como objetivo compreender, por meio das formações dos discursos políticos e midiáticos sobre Campos dos Goytacazes, como se deu a construção de uma imagem e de um discurso que se cristalizaram como uma representação identitária da cidade. Para isso, as contribuições metodológicas da análise do discurso francesa foram adotadas para analisar os ditos e não ditos a respeito da inauguração do projeto de urbanização, batizado de “Melhoramentos de Campos”, ocorrida na cidade em 1916, identificando, nos jornais de 2016, quando é comemorado o centenário das obras, quem fala, como fala e o que se fala sobre Campos, nesse contexto.

Palavras-chave: Campos dos Goytacazes; Melhoramentos de Campos; análise do discurso, identidade; representação.

Abstract: This article presents some reflections on the academic material “Beautiful and intrepid research: the analysis of the press discourse in 1916, 1966 and 2016 on the modernization of Campos dos Goytacazes and the formation of a society of influence”, which aimed to understand, through the formation of political and media discourses about Campos dos Goytacazes, how the construction of an image and discourse that crystallized as an identity representation of the city took place. Thereunto, the methodological contributions of the french discourse analysis were adopted, to analyze the said and unsaid about the inauguration of the urbanization project, called "Improvements of Campos", which took place in the city in 1916, identifying, in the newspapers of the year 2016, when the centenary of the works is celebrated, who speaks, how they speak and what is said about Campos, in this context.

Keywords: Campos dos Goytacazes; Campos Improvements; discourse analysis; identity; representation.

Resumen: Este artículo presenta algunas reflexiones hechas a partir de la investigación “Bella e intrépida: el análisis del discurso de prensa de 1916, 1966 y 2016 sobre la modernización de Campos dos Goytacazes y la formación de una sociedad de influencia”, que pretendía

¹ Graduanda em ciências sociais (Bacharel) pela UFF - Universidade Federal Fluminense - campus Campos dos Goytacazes.

² Pesquisa de Iniciação Científica, coordenada pela Professora Dra. Jacqueline da Silva Deolindo, em parceria com as instituições FAPERJ - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, UFF – Universidade Federal Fluminense e UNIFLU – Centro Universitário Fluminense.

comprender, a partir de la formación de los discursos políticos y mediáticos sobre Campos dos Goytacazes, cómo se produjo la construcción de una imagen y un discurso que cristalizó como una representación identitaria de la ciudad. Para eso, se adoptaron los aportes metodológicos del análisis del discurso francés, para analizar lo dicho y lo no dicho sobre la inauguración del proyecto de urbanización, denominado "Mejoras de Campos", que tuvo lugar en la ciudad en 1916, identificando, en los diarios del año 2016, cuando se celebra el centenario de las obras, quién habla, cómo habla y qué se dice de Campos, en este contexto.

Palabras-clave: Campos dos Goytacazes; Mejoras de Campos; análisis del discurso; identidade; representação.

O LUGAR: REPRESENTAÇÃO, MÍDIA E DISCURSO

O lugar, como espaço construído social e ideologicamente, está ligado à identidade individual e coletiva dos indivíduos que interagem nos espaços e com os espaços, cotidianamente, de modo que o lugar se constitui como a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade – lugar (CARLOS, 2005). Nessa perspectiva, as cidades, constituídas a partir de um conjunto de lugares, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Esse plano é aquele do local (CARLOS, 2005). Segundo Milton Santos (2016), os lugares como construções materiais e simbólicas do cotidiano possuem uma resistência criativa e criadora que surgem das relações sociais, políticas, econômicas, culturais. Entre as relações que forjam o lugar e emergem a partir deles, estão as relações comunicacionais. Tudo isso colabora para a construção de uma teia de significados e sentidos que são estruturados pela história e pela cultura e que conformam uma enunciação sobre o que é a cidade, como uma representação da mesma (PESAVENTO, 2007).

Nesse sentido, considera-se que essa rede de significados, construída por meio de vários signos, entre eles o linguístico, atua como produtora da identidade social da cidade. Segundo Tadeu (2014), a identidade é produto da diferença que se forja por meio das relações de poder, entre elas o “poder de definir”. Assim, considera-se que a formação identitária do lugar é construída pela história e pela memória social, que criam representações através de uma relação de temporalidade entre passado e presente, reconstituindo um fato histórico do passado, para apresentá-lo ao presente. Logo, a representação é um fenômeno de construção simbólica e imaginária a respeito dos lugares e acontecimentos pelo plano discursivo, no qual a mídia tem um papel preponderante, uma vez que a ela é dirigida o papel de registrar memórias e, idealmente, de atuar como porta voz do povo.

A mídia, sobretudo o discurso jornalístico, como ferramenta atuante no processamento da memória e da história, é responsável por mobilizar sentidos que se apresentam como mecanismos de cristalização da identidade e da representação. Ângelo Serpa (2011), quando fala sobre lugar e mídia, nos diz que “o discurso fabrica o lugar”. Assim, as representações dos lugares são formadas a partir dos dizeres social e midiaticamente construídos sobre eles. A cidade, portanto, é moldada no cotidiano, através das trocas discursivas sobre seus espaços de vivências e “lugares de memória”, concebidos por Pierre Nora como lugares de interações individuais e grupais que tecem formas de sociabilidades, memórias, histórias e discursos. Ademais, Pesavento (2007) enfatiza que:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

O discurso que se produz e se enuncia a partir disso é forjado na relação entre linguagem e ideologia e pode ser entendido como um mediador entre o homem e sua realidade, maneira pela qual ele se inscreve na história. Orlandi (2005) concebe o discurso como uma construção ideológica, formado a partir de uma rede de significados e sentidos que considera as formações discursivas e imaginárias dos sujeitos e os contextos sociais, políticos e econômicos em que ocorre sua enunciação. Desse modo, a análise do discurso francesa entende que a compreensão do discurso depende do acesso a essas condições discursivas, às vozes e aos vieses presentes em cada dizer, buscando além do que é dito, os não-ditos e os implícitos, que somente são acessados ao se considerar o papel do interdiscurso.

O interdiscurso é entendido como a memória discursiva, que, por sua vez, é definida como aquilo que fala antes, em outro lugar, e que retorna, constituindo o já-dito, atuante como base para todo dizer (ORLANDI, 2009). Assim sendo, busca-se nos meandros dos textos compreender como ele funciona, produz sentido e se inscreve na história, apreendendo os jogos simbólicos que possibilitaram as produções discursivas.

Para compreender as formações discursivas, considerou-se que a cidade propicia ao pesquisador uma visibilidade dos grupos que efetivamente exercem influência no controle do poder local (BARNABÉ, 1999). A partir disso, buscou-se interpretar as relações sociais existentes em Campos dos Goytacazes como relações de poder, partindo das concepções da teoria das elites, que enxerga as sociedades organizadas em grupos dominantes e dominados (BORDIEU, 1989). Assim, procurou-se investigar a reprodução das relações de dominação

(RODRIGUES, 2016) e de cristalização dos discursos que dominam a cidade. Importante ainda destacar que

Definimos elite política não apenas como a somatória de prefeitos e vereadores de um município, mas sim formada também por um conjunto de indivíduos com poder econômico, político e ideológico que, influenciando de forma direta ou indireta o exercício do poder e unidos por interesses comuns, apesar de eventuais contradições entre si, formam um grupo coeso, trabalhando basicamente pelo mesmo interesse, qual seja: o controle do poder local (BARNABÉ, 1999, p. 14).

CAMPOS DOS GOYTACAZES: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O município de Campos dos Goytacazes, situado na região norte-fluminense, interior do Rio de Janeiro, se desenvolveu na capitania de São Thomé, pertencente ao donatário Pero de Góes, instituído em 1536 como responsável pela primeira tentativa de colonização do lugar. Histórias locais relatam que essa primeira tentativa teria sido mal sucedida pelas dificuldades em lidar com os índios Goitacás, descritos como defensores ferozes de seu território, violentos e hostis, além das questões geológicas da região. Soffiati (2019), retrata as diversas dificuldades com a geologia da planície, com brejos, mangues e outros fatores que dificultaram a exploração do solo. O lugar, então, ficaria abandonado até uma nova tentativa de colonização, também mal sucedida, realizada em 1619 por Gil de Góes, herdeiro das terras. É somente em 1627, após as terras serem devolvidas à coroa pela família Góes e, posteriormente, concedida a sete capitães³, que se inicia de fato a colonização. Os fazendeiros da província do Rio de Janeiro, reconhecendo as terras como propícias para a agropecuária, transformam a localidade em “currais dos Goytacazes”, a fim de produzir o abastecimento da cidade. Em 1652, o lugar foi elevado a Freguesia de Campos e, em 1677, a Vila de São Salvador dos Campos.⁴

Diversos autores narram acerca da independência da população da Vila de São Salvador, que questionava as decisões dos donatários e dos latifundiários que dominavam a localidade. Eles lutaram por sua autonomia e fizeram levantes, como o organizado contra a Família Asseca (PENNA, 2014), sob liderança de Benta Pereira, considerada a patrona da cidade e reverenciada na bandeira do município⁵.

³ Militares da Coroa.

⁴ A síntese aqui apresentada é resultado do curso “De capitania a cidade: a formação de Campos dos Goytacazes”, provida pelo Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho e a Câmara de Vereadores de Campos (2010). As gravações das palestras estão disponíveis em https://www.youtube.com/watch?v=aZkrqOCYQD8&list=PLA9DjE_C-U6BgUpwx1DRwnf4KqI8EcVTQ.

⁵ A bandeira do município carrega uma homenagem a Benta Pereira, com a seguinte mensagem em latim: “Ipsae matronae hic pro jure pugnant”, cuja tradução seria “Aqui, até as mulheres também lutam”.

Lemos (2018) também ressalta a força desse discurso de independência no século XVIII, ao retratar que, diante dos avanços econômicos e do aumento do aglomerado urbano da Vila, as figuras políticas se mobilizaram para reivindicar o seu desmembramento da província do Espírito Santo, considerada pequena e com pouco desenvolvimento econômico. A intenção era unificar a Vila de São Salvador à província do Rio de Janeiro, o que só ocorreu com a elevação da Vila à cidade. Um fato importante a ser destacado é que, segundo Lemos (2018), essa articulação era um desejo das elites locais, que almejavam que a Vila se tornasse, um dia, capital da província do Rio de Janeiro.

A cidade, que já contava com a exploração da cana-de-açúcar em seu território, viu seu desenvolvimento urbano, econômico e social avançar de maneira rápida, o que tornou a atividade açucareira a base da economia local pelo menos até a segunda metade do século XX. (SMIRDELLE, 2010; SOFFIATI, 2019). O avanço era tamanho que, antes mesmo da elevação a município, Campos já contava com veículos de mídia local, como o jornal “Monitor Campista”, o terceiro jornal mais antigo do Brasil e o mais antigo do município, que circulou entre os anos de 1832 e 2009.

Esse cenário de desenvolvimento econômico, político e urbano corroborou a formação de uma elite intelectual e política estreitamente afinada e articulada com os poderes estaduais e nacional. Segundo Smirdele (2010), no século XIX, a cidade contava com uma população compostas por nobres, barões e baronesas, marquesas e condes, que nutriam na vida urbana de Campos um cotidiano pautado pelo luxo e pela modernidade. Em contrapartida, abrigava relações de grandes desigualdades, uma vez que era uma das cidades brasileiras com o maior número de escravos⁶.

Com os avanços da modernidade e da industrialização, as usinas tornaram-se a principal atividade econômica do município, o que levou a cidade a ser reconhecida como a “capital do açúcar” no país. A partir disso, os donos das usinas, figuras de grande poderio econômico e político que operavam na cidade como “cuidadores das terras campistas”, exerceram dominação sobre todas as esferas sociais e se articularam como uma elite local.

Os usineiros, além de intervirem nas questões econômicas da cidade, controlavam fortemente a vida privada dos cidadãos. Eles sediam terras e casas para os trabalhadores e em troca exigiam lealdade e a obediência. Para além das relações de patrão e empregados, os usineiros se portavam como cuidadores da cidade e dos cidadãos, que por sua vez os tratavam

⁶ Ver a série de palestras do curso “De capitania a cidade...”, já citado.

com apreço, respeitando sua governança. Smiderle (2010) nos confirma isso quando ressalta que

O usineiro era um senhor absoluto dentro dos seus limites, fornecendo casas para moradia aos funcionários, assistência médica hospitalar, escola, jardim de infância, dentista, armazém para as compras, cinema, pontes, praça de esportes, banda de música, festas, festejos de padroeiros etc. Era admirado e respeitado por todos, chegando mesmo a se envolver em assuntos familiares, dando conselhos, realizando casamentos e batizando crianças. Em contrapartida, o usineiro exigia de seus funcionários dedicação, obediência e lealdade (SMIDERLE, 2010, p. 35).

Constata-se que os usineiros se tornaram o símbolo da elite local (RODRIGUES, 2016) até o século XX, uma vez que eles não representavam apenas a classe dominante que detinha os meios de produção, mas se ocupavam das questões políticas e governamentais do município, exercendo sua “liderança” por meio de órgãos administrativos e classistas, como a ACIC - Associação Comercial e Industrial Campista e os sindicatos Agrícola e dos Usineiros.

A OCASIÃO DOS MELHORAMENTOS

Com a atividade de cultivo e exploração da cana-de-açúcar, a cidade ganhou notoriedade no cenário regional e nacional, sendo elevada à “capital do açúcar” no Brasil. Apesar de tal ascensão, as condições urbanísticas e sanitárias da cidade eram precárias e insalubres, o que levou a discussões acerca dessa contrariedade. A elite local da época, investida na figura dos usineiros, articuladores dessa reivindicação, decide, junto ao Governo do Estado, promover um projeto urbanístico na cidade, que, segundo os discursos veiculados na época, tinha como motivação conferir à cidade condições paisagísticas condizentes com o seu prestígio.

As reformas urbanas foram financiadas a partir do recolhimento de uma sobretaxa em relação à saca do açúcar, proposta pelos usineiros locais ao presidente do Estado do Rio, Francisco Chaves de Oliveira Botelho, durante a 4ª Conferência Nacional do Açúcar, realizada em abril de 1911, em Campos, com a presença do então ministro da agricultura, Pedro de Toledo, senadores e deputados. Assim, as obras foram realizadas a partir de uma articulação da elite local e do poder público, que, após transformar a ideia em pauta de discussão no Congresso, viabilizou o projeto com a Lei 1.037, sancionada em 11 de novembro de 1911, destacando que “a importância da arrecadação desse imposto terá aplicação especial e servirá exclusivamente para as obras de saneamento e melhoramentos da cidade” (ÁGUAS..., 2016, s.p.). Observa-se que,

Essa modernização tem como objetivo construir a “cidade moderna” que evidencie o poder das classes sociais dominantes e aumente sua capacidade política, exercendo sua dominação política. Isto vai ser expresso nos diversos “símbolos de modernidade” construídos, substituindo a antiga “cidade colonial”: as fachadas suntuosas, os prédios altos, as ruas largas, o ajardinamento, a luz elétrica e o Boulevard, uma das marcas da modernidade europeia. (RODRIGUES, 2016, p 33).

A elite almejava não apenas revitalizar a cidade, mas também tornar Campos sede da capital do Estado do Rio de Janeiro. Para isso, esses sujeitos, com seu braço na imprensa local, utilizaram-se dos jornais e revistas para promover o discurso da Campos moderna e distinta e legitimar o progresso da cidade. O projeto, batizado de “Melhoramentos de Campos”, foi inaugurado em 05 de novembro de 1916, em um evento que contou com a presença de empresários e políticos influentes no cenário nacional, como o presidente do Estado - Nilo Peçanha - e o presidente da República - Wenceslau Brás -, e obteve uma ampla cobertura dos jornais locais, dentre eles o “Monitor Campista”.

Foto 1 – Primeira Página do Monitor Campista de 05 de novembro de 1916



Fonte: Fotografia da autora (2019). Acervo do Arquivo Público Municipal

O jornal “Monitor Campista” dedicou seu editorial do dia 06 de novembro de 1916 ao relato de todo o evento, além de trazer em sua primeira página fotografias oficiais e uma seção de agradecimento aos responsáveis pelos feitos, estes atribuídos aos usineiros locais. Entre os dizeres, destaca-se a seguinte mensagem, com grifos nossos:

O procedimento altruístico e sem exemplo dos adiantados **uzineiros** de Campos e dos proprietários do Engenho Central de Quissamã em prol do saneamento e melhoramentos desta cidade merece ser rememorando hoje e sempre como um **acto da mais elevada nobreza e amor à terra campista. A eles (sic), principalmente, a esses generosos e abnegados agricultores e industriais, se devem esses melhoramentos** que vão ser hoje inaugurados com a maior satisfação do povo. (SD1)

A partir do trecho acima, observa-se a influência dessa elite, explicitada pelo enaltecimento dessas figuras como as principais responsáveis pelos feitos, evidenciando, assim,

a reprodução de discursos elitistas por parte do jornal “Monitor Campista”, que operava na cidade a função de “espelho da opinião mais esclarecida”; contudo, paradoxalmente, tal veículo não agia como reflexo, mas como amplificador, porta-voz do pensamento político e cultural dominante (BETTA, 2020). O “Monitor Campistas”, no contexto daquele momento, assumia um viés conservador e atuava como reprodutor da ideologia dominante, procurando atender aos interesses das próprias elites.

Nota-se, também, o discurso de grandeza e opulência que designa a cidade, citada várias vezes como “*cidade mais importante do Estado do Rio Janeiro*”, com o objetivo de destacar o progresso e a riqueza de Campos, como no seguinte trecho, com grifos nossos:

Assim, com satisfação da população campista serão inaugurados hoje diversos serviços de saneamento, melhoramento e embelezamento da nossa cidade, que vai desse modo **se remodelando, tornando-se bela sala de vistas de um dos mais importantes e ricos municípios do Estado do Rio de Janeiro.** (SD2)

Também é digno de nota o apagamento do restante da população campista, visto que, em nenhuma parte do material analisado, é citada a participação dos cidadãos pertencentes a outras classes, por exemplo, aqueles que atuaram como mão-de-obra nas construções dos Melhoramentos. As intervenções, concentradas na área central da cidade, também são passíveis de questionamento, uma vez que o centro da cidade era habitado e frequentado pelas elites, sendo a população pobre “empurrada” em direção a áreas periféricas (FARIA, 2005) e as demais regiões da cidade e as classes populares negligenciadas no plano de obras.

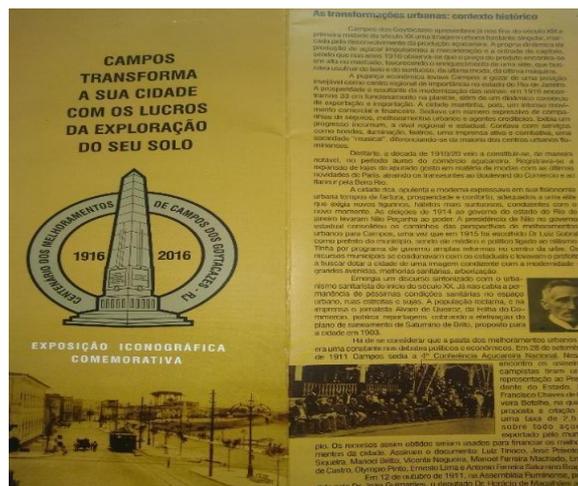
O CENTENÁRIO DOS MELHORAMENTOS EM 2016

Alves (2016) destaca que, apesar da precariedade em sua estrutura urbana, a cidade foi alvo de inúmeras reformas ocorridas ao longo do século XX, o que moldou uma imagem progressista e moderna da cidade, que contava com uma vida social e cultural intensa, definidora da sua importância no cenário fluminense, uma vez que estava incluída nos circuitos artísticos. Porém, esse cenário se modifica após a década de 1960 devido a uma crise no setor açucareiro, gerando muitos problemas urbanos, como desemprego, saneamento deficiente e problemas de moradia. Campos perdia, assim, o “glamour” de outrora (ALVES, 2013).

Essa conjuntura resultou na falência das usinas, promovendo o declínio da elite usineira que, para se manter no poder, instalou-se no setor da administração pública. A referida classe, perdendo seu prestígio, não mais poderia atuar como financiadora direta das demandas da população, logo, o Estado tornou-se exclusivamente o responsável pela gestão pública. Enxergando no governo um novo modo de exercer sua dominação, cristalizou-se, então, como uma “elite política-administrativa” na cidade. A partir do final dos anos 1970, com a exploração comercial do petróleo no que foi chamada de Bacia de Campos, que foi se tornando a nova base econômica local e hoje é reconhecida como a maior jazida brasileira, surgiam na cidade novas figuras que ascendiam ao poder por meio do campo político, formando uma nova elite, mas não radicalmente nova: é um novo dialeticamente velho (RODRIGUES, 2016).

Em 2016, ocorreram na cidade diversos eventos celebrativos do centenário dos Melhoramentos, promovidos pela prefeitura através de seus órgãos responsáveis pela gestão de projetos culturais e em parcerias com empresas privadas, universidades e organizações não-governamentais. A comemoração contou com a participação de diversos intelectuais, empresários e acadêmicos locais, que organizaram uma série de palestras a respeito do acontecimento, além da realização de uma exposição iconográfica da inauguração do pacote de obras de 1916, aberta ao público no museu municipal e acessível pelo blog⁷ criado especialmente para o evento e em perfis nas redes sociais. Ocorreu, ainda, a visita aos lugares dos Melhoramentos e a restauração do obelisco, símbolo do projeto.

Foto 2 – Folheto da Exposição Iconográfica do centenário dos Melhoramentos



Fonte: Reprodução feita pela autora, a partir do *folder* do evento de 2016.

⁷ Blog: <http://campos1916.blogspot.com/?m=1>

A capa do folheto traz a seguinte declaração: “*Campos transforma a sua cidade com os lucros da exploração do seu solo*”, fazendo referência ao discurso de distinção e independência de Campos diante do cenário regional, uma vez que as obras foram financiadas a partir dos lucros das usinas, principal atividade econômica do município, na época. A expressão também reforça o engrandecimento da figura dos usineiros, pois a eles foram delegados o papel central na realização do projeto.

Entre os jornais diários impressos que circulavam em Campos na ocasião do centenário dos Melhoramentos, está o jornal “A Folha da Manhã”, pertencente à família de jornalistas e empresários de mídia Abreu Barbosa. Além desse, diversos sites de notícias, emissoras de rádio e TV (aberta e por assinatura) também noticiaram a programação do centenário dos Melhoramentos, ora significando a comemoração historicamente, ora focando na figura ilustre de Nilo Peçanha, campista que, na ocasião, era presidente do Estado do Rio de Janeiro, como se nomeava, então, o cargo de governador. A programação oficial, disponível no blog “Centenário dos Melhoramentos”, foi assim anunciada nesse trecho com grifos nossos:

A partir do dia 23 de setembro de 2016, uma vasta programação, que inclui palestras, mesa redonda, exposições e solenidades, marcará o centenário das obras de saneamento e melhoramentos na Cidade de Campos dos Goytacazes. **As obras foram financiadas por meio de uma taxa sobre o açúcar produzidos nas usinas campistas, sendo uma iniciativa dos industriais locais.** Em 5 de novembro de 1916, o então Presidente do Brasil, Wenceslau Braz e o Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, estiveram em Campos para as festivas inaugurações. (CENTENÁRIO..., 2016)

O jornal “A Folha da Manhã” noticiou a comemoração do Centenário em seu Caderno de Cultura, na folha dois, no dia 5 de novembro de 2016, com a manchete: “Terminam hoje as homenagens a Nilo Peçanha”.

Foto 3 – Caderno Folha Dois na data do centenário dos Melhoramentos



Fonte: Folha da Manhã: 2016, reprodução.

A matéria fez um breve registro sobre a programação da exposição do centenário e discorreu acerca da trajetória de Nilo Peçanha. Por meio dessas análises, observa-se que a menção o Nilo Peçanha, evocando sua ligação ao município, demonstra a necessidade de estabelecer/relembrar a relação da cidade com a figura do indivíduo influente. Enfatiza-se, todo o tempo, o capital social, político e econômico local como recurso para destacar mais uma vez a imagem da Campos reconhecida para além dos limites municipais.

É interessante notar que, tanto nas publicações oficiais do evento como nas matérias jornalísticas, a figura do obelisco é usada como o símbolo do projeto dos Melhoramentos, sendo mobilizado como um “lugar de memória” que carrega em sua monumentalidade os traços da história que se quer lembrar e reviver.

A conjuntura social da cidade em 2016 é permeada por intensas crises políticas e econômicas, além das precariedades urbanas presentes nos discursos de cidade decadente, em relação aos tempos gloriosos vividos no século XX. Nesse sentido, a Exposição do Centenário se revela uma necessidade de evocar as lembranças do passado, enraizadas nos feitos do projeto dos Melhoramentos, que mesmo sendo parte da arquitetura urbana atual da cidade, atuam como lugares de memória, um recurso que possibilita a continuidade do discurso da Campos “Formosa e Intrépida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises identificaram que a rememoração da “idade de ouro” da cidade é utilizada como um recurso para enunciar Campos, mais uma vez, como cidade moderna e com potencial de crescimento, influência e polarização, realocando o lugar nos caminhos do progresso. Esse discurso soa como um projeto de um grupo seletivo, formado seja por líderes econômicos, intelectuais ou políticos, que, historicamente, exerce influência e ecoa sobre cidadãos no cotidiano, construindo lastros de uma memória coletiva. Do mesmo modo, colabora para reivindicar recursos que, invariavelmente, seriam administrados por essa mesma elite. As discussões e narrativas presentes nas matérias analisadas não incluem qualquer comentário acerca das profundas diferenças sociais e situações de precariedade que ainda hoje assolam principalmente as margens e as periferias locais.

REFERÊNCIAS

- ÁGUAS do Paraíba apoia exposição histórica sobre saneamento no Museu de Campos dos Goytacazes. **Grupo Águas do Brasil**, 11 nov. 2016. Disponível em: <https://www.grupoaguasdobrasil.com.br/aguas-paraiba/aguas-do-paraiba-apoia-exposicao-historica-sobre-saneamento-no-museu-de-campos-dos-goytacazes/>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- ALVES, Heloiza de Cácia Manhães. **A elite local e a Modernização Urbana em Campos dos Goytacazes: um Projeto Político 1930-1950**. Campos dos Goytacazes, 2013. 169 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.
- BARNABÉ, Israel Roberto. Elite, classe social e poder local. **Estudos de Sociologia**, v. 4, n. 7, 1999.
- PENNA, Patricia Ladeira. **Benta Pereira: mulher, rebelião e família em Campos dos Goytacazes, 1748**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2011.
- CENTENÁRIO DOS MELHORAMENTOS DE CAMPOS. Programação oficial. Prefeitura de Campos dos Goytacazes: Campos dos Goytacazes, 2016. [folheto impresso e digital]
- FARIA, Teresa Peixoto. Configuração do Espaço urbano da Cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: Novas centralidade, velhas estruturas. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEMOS, Carlos Eugênio S.. A vila de São Salvador: Província do Espírito Santo ou do Rio de Janeiro (1822-1832)? **Territórios & Fronteiras**, v. 11, n. 2, 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2005.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 1-13, 2007

RODRIGUES, Igor Paolo Ribeiro Dias. **Território e Poder: As elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes, 2016. 136 f. Tese (Dissertação Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SMIDERLE, Dilcéa de Araújo Vieira. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos dos Goytacazes**. Campos: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010.

SOFFIATI, Arthur Aristides. As transformações causadas pela ocupação: identidade, meio e patrimônio. Palestra proferida durante o curso **De capitania a cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1535-1835)**. Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes, 2019.